



ISSN: 2595-1661

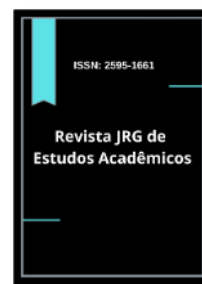
ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](https://portaldeperiodicos.capes.gov.br)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Perfil epidemiológico da hanseníase em menores de quinze anos no período de 2015 a 2024 na capital de Alagoas

Epidemiological profile of leprosy in children under fifteen years of age from 2015 to 2024 in the capital of Alagoas

DOI: 10.55892/jrg.v8i19.2363

ARK: 57118/JRG.v8i19.2363

Recebido: 01/06/2025 | Aceito: 08/08/2025 | Publicado on-line: 26/08/2025

Alessandra de Almeida Silva Figueredo¹

<https://orcid.org/0000-0003-3758-8613>

<http://lattes.cnpq.br/9464352853092747>

Secretaria Municipal de Saúde, AL, Brasil

E-mail: alefigueredo@gmail.com

Viviane Silva Palmeira Soares²

<https://orcid.org/0009-0001-7784-6296>

<http://lattes.cnpq.br/172956228745051>

Universidade Estadual de São Paulo, SP, Brasil

E-mail: email@gmail.com

Maísa Isabela Faustino Santos³

<https://orcid.org/0009-0002-7379-3323>

<http://lattes.cnpq.br/5523387192608223>

Universidade Federal de Alagoas, AL, Brasil

E-mail: maisaisabella@hotmail.com

Letícia Espírito Santo Cavalcante de Souza Juvino⁴

<https://orcid.org/0009-0001-3386-6287>

<http://lattes.cnpq.br/3870578766313105>

Universidade Tiradentes, AL, Brasil

E-mail: leticia2016cavalcante@gmail.com

Kátia Floripes Bezerra⁵

<https://orcid.org/0000-0003-2500-0894>

<http://lattes.cnpq.br/7209696530856644>

Universidade Federal de Alagoas, AL, Brasil

E-mail: katiafloripes@gmail.com

Clodis Maria Tavares⁶

<https://orcid.org/0009-0001-6266-6818>

<http://lattes.cnpq.br/7552069994219123>

Universidade Federal de Alagoas, AL, Brasil

E-mail: clodistavares@yahoo.com



¹ Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal de Alagoas.

² Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal de Alagoas.

³ Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal de Alagoas; Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Alagoas

⁴ Graduada em Enfermagem pela Universidade Tiradentes.

⁵ Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal de Alagoas. Mestre pela Universidade Federal de Sergipe; Doutora pela Universidade Bahiana de Medicina e saúde Pública, EBMS, Brasil.

⁶ Possui graduação em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará (1976), Mestrado em Saúde Pública com área de concentração em Epidemiologia pela Universidade Federal do Ceará (1997) e Doutorado em Ciências - EERP-USP (2014).

Resumo

Introdução: A hanseníase é uma doença infecciosa crônica, negligenciada e de notificação compulsória, que ainda apresenta transmissão ativa em diversas regiões do Brasil, especialmente em contextos de vulnerabilidade social. A ocorrência em menores de 15 anos indica falhas no controle da cadeia de transmissão e demanda atenção específica. **Objetivo:** Analisar o perfil epidemiológico dos casos de hanseníase em menores de 15 anos no município de Maceió/AL, no período de 2015 a 2024. **Metodologia:** Estudo descritivo com abordagem quantitativa, utilizando dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), obtidos através do DATASUS. As variáveis analisadas incluíram faixa etária, sexo, raça, escolaridade, forma clínica, modo de entrada e modo de saída dos casos. **Resultados:** Foram identificados 46 casos notificados, com predomínio na faixa etária de 10 a 14 anos (63%), sexo masculino (74%) e raça parda (78,3%). A forma clínica mais prevalente foi a dimorfa (39%), seguida da tuberculóide (28%). Observou-se uma redução nas notificações após 2020, possivelmente associada à pandemia de COVID-19. Cerca de 70% dos casos evoluíram para cura. **Conclusão:** Os dados revelam a persistência da hanseníase em crianças e adolescentes, especialmente em populações vulneráveis, reforçando a necessidade de estratégias intersetoriais para o diagnóstico precoce, tratamento adequado e ações de prevenção. A atuação qualificada da atenção básica, associada à educação em saúde e à melhoria da vigilância epidemiológica, é essencial para o enfrentamento da doença e a proteção da infância e adolescência.

Palavras-chave: Hanseníase. Epidemiologia. Saúde da Criança. Doenças Negligenciadas. Saúde Pública.

Abstract

Introduction: Leprosy is a chronic, neglected, and notifiable infectious disease that still presents active transmission in several regions of Brazil, especially in contexts of social vulnerability. Its occurrence in children under 15 years of age indicates failures in the control of the transmission chain and demands specific attention. Objective: To analyze the epidemiological profile of leprosy cases in children under 15 years of age in the city of Maceió, Alagoas, from 2015 to 2024. Methodology: This was a cross-sectional, retrospective study with a quantitative approach, using data from the Notifiable Diseases Information System (SINAN), obtained through DATASUS. The variables analyzed included age group, sex, race, education level, clinical presentation, mode of admission, and mode of discharge of cases. Results: A total of 46 reported cases were identified, with a predominance of patients aged 10 to 14 years (63%), males (74%), and brown (78.3%). The most prevalent clinical form was borderline (39%), followed by tuberculoid (28%). A reduction in reports was observed after 2020, possibly associated with the COVID-19 pandemic. Approximately 70% of cases were cured. Conclusion: The data reveal the persistence of leprosy in children and adolescents, especially in vulnerable populations, reinforcing the need for intersectoral strategies for early diagnosis, appropriate treatment, and prevention. Qualified primary care, combined with health education and improved epidemiological surveillance, is essential for combating the disease and protecting children and adolescents.

Keywords: Leprosy. Epidemiology. Child Health. Neglected Diseases. Public Health.

1. Introdução

A hanseníase também conhecida como doença de hansen é uma doença infecciosa e de progressão crônica, que apesar de curável, continua endêmica em vários locais do mundo (Brasil, 2022). O Brasil permanece como o segundo lugar com maior ocorrência da doença, estando atrás apenas da Índia.

É causada pelo *Mycobacterium leprae*, sua ocorrência está associada a fatores socioeconômicos e faz parte do grupo de Doenças tropicais negligenciadas (DNT), por isso, atualmente o Ministério da Saúde (MS) incluiu a hanseníase dentro do Programa Brasil saudável, a fim de disponibilizar estratégias para sua erradicação no país (Gomes et al., 2024).

A doença de hansen pode ser classificada como Paucibacilar (PB), apresenta de 1 a 5 lesões dermatológicas sendo a baciloscopia obrigatoriamente negativa e Multibacilar (MB) acima de 5 lesões dermatológicas e/ou baciloscopia positiva. Além dessas classificações, existe as formas clínicas da doença que são: hanseníase tuberculóide, indeterminada, neural pura, virchowiana e dimorfa, sendo as duas últimas responsáveis pela forma mais agressiva da doença (BRASIL, 2022).

A transmissão pelo bacilo de Hansen ainda não é uma via totalmente elucidada, no entanto, sabe-se que a principal via de propagação é respiratória, pela eliminação do bacilo em secreções nasais, tosse e espirro. A disseminação da doença acontece quando o indivíduo infectado pela forma MB, sem ter feito tratamento, libera gotículas de saliva contendo o agente causador da doença para pessoas vulneráveis, sendo válido ressaltar que o contato deve ser direto e prolongado com o indivíduo infectado. A maioria das pessoas afetadas pela bactéria não desenvolve a doença, pois o sistema imunológico é capaz de combater o Bacilo de Hansen (Alves et al., 2023).

Considerada um problema de saúde pública no Brasil, a doença possui alta prevalência na população com baixa instrução, carente de serviços de atenção básica em saúde, assistência social e sanitária (Oliveira, et al., 2021).

A detecção da hanseníase em menores de 15 anos indica uma transmissão ativa e recente da infecção na comunidade. Essa faixa etária é marcada por um período de transição, o qual é caracterizado pelo crescimento acelerado e desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo. Como consequência dos danos provocados pela hanseníase, as lesões dermatológicas, deformidades e incapacidades físicas podem acabar interferindo na imagem corporal e autoestima do adolescente, tendo assim influência na construção de sua identidade e, por conseguinte, nas suas relações sociais (Nunes, et al., 2019). Diante disso, é muito importante fazer um diagnóstico prévio, evitando-se complicações mais sérias no sistema nervoso e também para reduzir o preconceito que muitas vezes envolve essa doença. Para isso, é fundamental que os profissionais de saúde recebam treinamento adequado, de modo que possam identificar a doença rapidamente, ficar atentos a possíveis novos casos e oferecer um acompanhamento contínuo ao paciente durante todo o tratamento. (Carvalho, et.al., 2025; Silva, 2018).

Além disso, a hanseníase é uma doença que precisa ser notificada obrigatoriamente, mas os estudos indicam que muitos casos não são registrados, tanto no Brasil quanto no mundo. (Carvalho, et.al., 2025; Silva, 2018).

De acordo com o Boletim Epidemiológico da doença, em 2022, a taxa média de detecção em Alagoas foi de 8,92 casos para cada 100 mil habitantes, enquanto no Brasil foi de 9,67 casos por 100 mil habitantes. (Carvalho, et al., 2025, apud Brasil, 2024). Em Maceió/ AL, entre 2019 e 2023, foram registrados 361 novos casos, o que dá uma média de 7,1 casos por 100 mil habitantes. Em 2023, essa taxa subiu

para 8,9 casos por 100mil habitantes, sendo a mais alta do período. (Carvalho, et al., 2025 apud Prefeitura de Maceió, 2024).

Este estudo tem como objetivo analisar o perfil epidemiológico da ocorrência de hanseníase em Maceió, no que diz respeito ao número de casos novos em menores de 15 anos nos últimos dez anos.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo com abordagem quantitativa, dos casos de hanseníase em menores de quinze anos no período de 2015 a 2024 na capital de Alagoas, região nordeste do Brasil. Os dados foram colhidos por meio da consulta a base de dados do Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SINAN), disponibilizados pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). As variáveis utilizadas foram: faixa etária, gênero, escolaridade, forma clínicas, modo de entrada e modo de saída.

Para fundamentação teórica dos dados foram realizadas pesquisas de artigos científicos através das plataformas científicas como Google acadêmico, Scielo e Pubmed, com os seguintes descritores: hanseníase em crianças; hanseníase em adolescentes; perfil epidemiológico; tipos de hanseníase. As pesquisas ocorreram durante o mês de julho de 2025 e adequadas a temática do estudo.

Para organização dos dados foi utilizado o programa Microsoft Excel 2021 e depois montados gráficos e tabelas para auxiliar na discussão dos resultados. Por se tratar de dados de domínio público, disponibilizados pelo SINAN não foi necessário aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa.

3. Resultados e Discussão

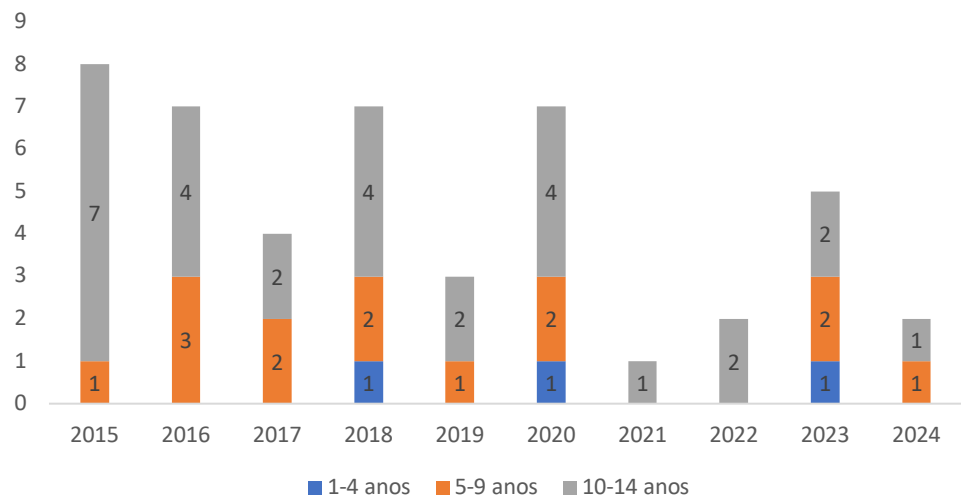
Através das informações coletadas no site do DATASUS, foi possível construir gráficos e tabela a fim de facilitar a compreensão dos dados coletados. Assim, podemos perceber na figura 1, as faixas etárias que foram notificadas no período proposto de 2015-2024, dos 10 aos 14 anos.

No total de 46 casos, 29 estão nessa faixa etária, o que corresponde a 63% do total. Tais dados corroboram com o estudo de Vieira et al., (2022) onde destaca que a ocorrência de casos de hanseníase em menores de 15 anos é comum nas regiões Norte, Nordeste e Centro-oeste, sendo necessário desenvolver esforços entre a sociedade e a gestão pública para alcançar a meta de redução dos casos nessa faixa etária.

Percebe-se ainda um menor número de casos detectados na faixa etária de 1 a 4 anos, com apenas 3 notificações no período analisado. Resultado semelhante ao estudo de Cavalcante, Santos e Costa (2023) no Acre onde essa mesma faixa etária apresentou os menores índices, justificados pela dificuldade de diagnóstico em menores de cinco anos, sendo necessário a realização de exames criteriosos.

Por meio da figura 1 também se percebe uma redução do número de casos notificados após o ano 2020, concomitante ao período da pandemia da COVID-19, o que pode ser explicada por uma possível subnotificação, como refere o estudo de Souza et al., (2023) onde as atenções estavam direcionadas aos casos de síndromes gripais.

Figura 1



Fonte: MS, Sinan Net, 2025.

O estudo busca apresentar outras categorias importantes para análise dos dados encontrados nas notificações, onde através da figura 2 podemos identificar gênero, raça, escolaridade, modo de entrada e saída dos casos.

Figura 2

	CATEGORIAS	TOTAL
GÊNERO	Masculino	34
	Feminino	12
RAÇA	Parda	36
	Preta	6
	Branca	3
	Ignorado	1
ESCOLARIDADE	Analfabeto	3
	1ª a 4ª série	15
	5ª a 8ª série	15
	Ensino médio	3
MODO DE ENTRADA	Ignorado	10
	Casos novos	44
	Recidiva	1
MODO DE SAÍDA	Ignorado	1
	Cura	32
	Transferência mesmo município	2
	Transferência outro município	5
	Ignorado	4

Fonte: MS, Sinan Net, 2025.

Conforme figura 2 podemos perceber que a maioria dos usuários foram do sexo masculino, o que corresponde a cerca de 74% dos casos notificados, índices similares de outros estudos, que fortalecem as reflexões sobre fatores culturais e comportamentais, se expondo há ambientes de riscos que favorecem a contaminação nos diferentes contextos sociais (Cavalcante, Santos e Costa, 2023; Guimarães, 2024)

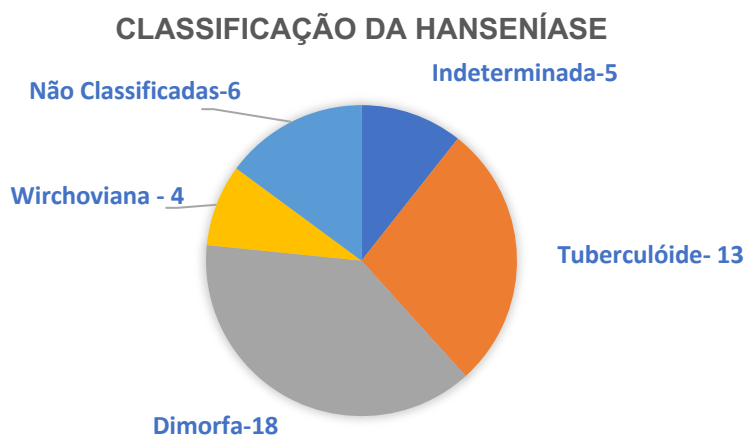
No aspecto da raça, houve a predominância da cor parda (36), seguida da preta (6) e a branca (3), o que representa 78,3% do total analisado, dados semelhantes ao estudo de Anjos et al., (2021) e de Rollemberg et al., (2022), tais achados refletem a diversidade racial brasileira, com prevalência da raça parda.

Com relação à escolaridade, a maioria deles (46%) são do ensino fundamental, da 1° a 8° série, assim como em outros estudos dessa faixa etária (Vieira et al, 2022; Silva et al, 2024). De acordo com Francisco et al. (2025) a importância das crianças e adolescentes na escola possibilita a ampla oferta da Educação em saúde, pois é uma ferramenta essencial para disseminar o tema e proporcionar a prevenção da hanseníase através de debates e consciência coletiva. Outro aspecto importante nessa variável é que 6,4% não teve esse item preenchido na ficha de notificação, onde aparece ignorado, tal medida reflete a inobservância dos profissionais durante o preenchimento e que interfere diretamente nos resultados.

Ainda de acordo com a figura 2, podemos perceber que cerca de 96% dos casos são novos, o que significa que nunca fizeram tratamento. Tendo em vista que a transmissão é através de contato direto, percebe-se que as estratégias preventivas foram insuficientes ou negligenciadas para que ocorresse a contaminação, representando que a transmissão está ativa e recente e requer medidas urgentes nessa comunidade (Carvalho et al, 2022).

Com relação ao modo de saída, cerca de 70% tiveram alta por cura, dado esse importante que representa o tratamento completo e adequado sendo realizado na AB e supervisionado por profissionais da saúde. Para que a hanseníase seja erradicada no país é necessária uma abordagem conjunta entre gestores, profissionais e comunidade, onde cada um assume sua responsabilidade e atua diretamente nesse grave problema de saúde pública (Souza et al, 2025).

Figura 3



Fonte: MS, Sinan Net, 2025.

De acordo com a figura 3, destaca-se que a forma Dimorfa foi a apresentou a maior quantidade (18) o que corresponde a 39% dos casos notificados, seguida da Tuberculóide (13) que representa 28% dos casos e logo após a Indeterminada (5) que representa 11% e Wirchowiana (4) com 9%. Os casos não classificados correspondem a cerca de 13%, números considerados altos para os dados obtidos, reforçando a importância do profissional da saúde no preenchimento da ficha de notificação.

A hanseníase do tipo Dimorfa é caracterizada pelo comprometimento de nervos periféricos e uma variedade clínica de outros sinais, como dor, diminuição de força, alterações visíveis em pés, mãos e faces, placas ou manchas avermelhadas e bordas infiltrantes, além de ser considerada a forma clínica mais incapacitante. Dessa forma, os dados tornam-se ainda mais preocupantes devido a faixa etária acometida e os riscos de deixar sequelas graves (Ramos et al, 2022). Porém, Bahia et al (2025) cita em seu estudo que essa forma clínica é a mais prevalente no Brasil, no entanto, ela pode ser confundida com a tuberculóide e wirchowiana e por isso apresenta o maior número nas notificações.

De acordo com Costa et al (2025) a Wirchowiana tem a característica de ser altamente contagiosa, mesmo assim, apresenta menores índices na classificação, assim como nesse estudo que foi representado apenas por quatro casos. No entanto, requer uma análise minuciosa dos profissionais da saúde para detecção precoce do grau de incapacidade dos acometidos, a fim de evitar sequelas graves.

Dessa forma, percebe-se a importância do diagnóstico precoce a fim de prevenir as complicações decorrentes dela, mas além disso é criar estratégias conjuntas entre os profissionais de saúde, gestão e sociedade a fim de romper com a cadeia de transmissão e eliminação da hanseníase no Brasil (Gomes et al., 2024).

4. Conclusão

Esse estudo permitiu traçar o perfil epidemiológico da hanseníase em menores de 15 anos no município de Maceió/AL, no período de 2015 a 2024. Os achados reforçam a persistência da transmissão ativa da doença, evidenciada pelo número significativo de casos novos, especialmente na faixa etária de 10 a 14 anos, com predomínio do sexo masculino, da raça parda e de indivíduos em idade escolar do ensino fundamental. Esses dados refletem a estreita relação entre a hanseníase e contextos de vulnerabilidade social, como baixa escolaridade, desigualdade no acesso à saúde e fragilidade nas ações de vigilância epidemiológica.

A predominância da forma clínica dimorfa entre os casos notificados chama atenção para o risco de desenvolvimento de incapacidades físicas permanentes em crianças e adolescentes, o que compromete sua qualidade de vida, autoestima e inclusão social. Essa situação reforça a necessidade de intensificar estratégias de prevenção, diagnóstico precoce e tratamento oportuno, bem como o fortalecimento da atenção primária à saúde.

A detecção de formas clínicas graves, aliada à ocorrência de falhas no preenchimento das fichas de notificação, evidencia a necessidade de capacitação contínua dos profissionais de saúde, com vistas à melhoria da qualidade da informação e do cuidado prestado.

Diante disso, conclui-se que a eliminação da hanseníase como problema de saúde pública exige uma abordagem intersetorial, envolvendo gestores, profissionais de saúde, instituições de ensino e comunidade. A atuação integrada dessas esferas é essencial para o rompimento da cadeia de transmissão, a redução das

desigualdades sociais e a promoção da saúde integral de crianças e adolescentes afetados por esta doença historicamente marcada pelo estigma e exclusão.

Referências

- Alves, AP de F.; De Oliveira Filho, JEL; Gouveia, AD de M.; Braga, AS de M.; Tenório, DM de C.; Cansanção, VI de MTC; Carnauba, ATL Perfil epidemiológico da Hanseníase no Brasil entre 2017 e 2022. **Revista Brasileira de Desenvolvimento**, [S. l.], v. 05, pág. 15743–15753, 2023. DOI: 10.34117/bjdv9n5-087. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/59638>. Acesso em: 11 ago. 2025.
- Anjos, LHG.; Cunha, SM da.; Batista, GM.; Higino, TMM.; Souza, DCP de.; Aliança, AS dos S. Perfil epidemiológico da Hanseníase no estado do Maranhão de 2018 a 2020. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 15, pág. e272101523156, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i15.23156. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/23156>. Acesso em: 23 jul. 2025.
- Bahia, V. G. L.; Pereira, A. A. F.; Neto, J. F. de O.; Menezes, M. J.; Braga, T. A. L.; Pinheiro, T. C.; Costa, A. W. S. da. Análise epidemiológica da hanseníase na região sudeste do Brasil. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, [S. l.], v. 6, n. 10, p. 2719–2731, 2024. DOI: 10.36557/2674-8169.2024v6n10p2719-2731. Disponível em: <https://bjihs.emnuvens.com.br/bjihs/article/view/3581>. Acesso em: 2 ago. 2025.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas da Hanseníase**. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/svsa/vigilancia/guia-de-vigilancia-em-saude-volume-1-6a-edicao>. Acesso em: 04 de agosto de 25.
- Brasil. Ministério da Saúde. Portaria Conjunta SCTIE/MS, n. 67 de 07 de jul de 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/conitec/pt-br/midias/protocolos/resumidos/PCDTRResumidoHanseniase.pdf>. Acesso em: 04 de ago de 2025.
- Carvalho, RA et al. Incapacidades físicas da hanseníase em menores de 15 anos no estado do Tocantins, Brasil, 2001 a 2020. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 11, n. 5, p. e18311527995, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i5.27995. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/27995>. Acesso em: 2 ago. 2025.
- Carvalho, Eloá de França et al. Perfil Epidemiológico dos Casos de Hanseníase em Maceió/AL entre 2013-2023. *Brazilian Journal of Health Review*, v.8, n.2, p. 01-13, mar./apr., 2025. DOI: 10.34119/bjhrv8n2-298. Disponível: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/78976/54643>. Acesso em: 04 de ago de 2025

Cavalcante, Natália Ferreira; SANTOS, Asafy Rezende; Da Costa, Ruth Silva Lima. Perfil epidemiológico da hanseníase em crianças e adolescentes no estado do acre–amazônia ocidental, brasil–no período de 2018 a 2022. **RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218**, v. 4, n. 8, p. e483817-e483817, 2023. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/3817>. Acesso em: 23 de julho de 2025.

Costa, H. C. L.; Melo Irmão, J. J. de; Melo, A. G. S. de. Hanseníase: epidemiologia e clínica em área de média endemicidade. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, Brasil, São Paulo, v. 8, n. 18, p. e081908, 2025. DOI: 10.55892/jrg.v8i18.1908. Disponível em: <https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/1908>. Acesso em: 2 ago. 2025.

Francisco, M. M.; Albuquerque, M. I. N. de.; Santos, L. M. de S.; Andrade, I. A. F. de.; Silva, L. S. R. da; Santos, W. F. dos. Leprosy: health education with children and adolescents – systematic review / Hanseníase: educação em saúde com crianças e adolescentes – revisão sistemática. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro, Brasil, v. 17, p. e–13612, 2025. DOI: 10.9789/2175-5361.rpcfo.v17.13612. Disponível em: <https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/13612>. Acesso em: 2 ago. 2025.

Gomes, AIS et al., Perfil epidemiológico da hanseníase em Bacabal - MA, Brasil, 2008-2017 / Epidemiological profile of leprosy in Bacabal -Ma, Brazil, 2008-2017 / Perfil epidemiológico de la lepra en Bacabal -Ma, Brasil, 2008-2017. **Rev. Ciênc. Plur**; 10(2): 19238, 29 ago. 2024. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1570359>. Acesso em: 11 de agosto de 25.

Guimarães, CV. Perfil epidemiológico da hanseníase em crianças e adolescentes menores de quinze anos no estado de sergipe: análise de dados entre 2012 e 2022. **Revista Contemporânea**, [S. l.], v. 4, n. 10, p. e6264, 2024. DOI: 10.56083/RCV4N10-163. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/6264>. Acesso em: 23 jul. 2025.

Nunes PS, et al. Perfil clínico e epidemiológico dos casos de hanseníase em menores de 15 anos em um município da região metropolitana de Goiânia, Goiás. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v.17,p: e319, 2019. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/319>. Acesso em: 04 de agosto de 2025.

Oliveira DJS, et al. Perfil espacial e demográfico da Hanseníase no norte do país, no período de 2014 a 2019. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v.13,n.4,p: e7145,2021. DOI: <https://doi.org/10.25248/REAS.e7145.2021>. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/7145>. Acesso em: 04 de agosto de 25.

Pereira Ramos, D.; Pereira Lourenço, H.; Mendes De Sousa, G. Prevalência da forma clínica de hanseníase notificadas no município de Porto Nacional – TO. **Revista**

Científica do Tocantins, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 1–13, 2022. Disponível em: <https://itpacporto.emnuvens.com.br/revista/article/view/79>. Acesso em: 2 ago. 2025.

Rollemberg, CEV.; Santos, B. de S.; Silva, RS.; Paradis, RJM.; Vieira, R. da S.; Lisboa, KH.; Vieira, JT de C.; Machado, N.M.; Azevedo, LPS.; Bragança, G.G. Perfil epidemiológico da hanseníase no Brasil. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 4, pág. e11713445585, 2024. DOI: 10.33448/rsd-v13i4.45585. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/45585>. Acesso em: 23 jul. 2025.

Silva, Ricardo Carvalho; Santos, Cleonice Beatriz Dias dos; Amaral, Alliny das Graças; Peixoto, Josana de Castro. Análise do perfil clínico e epidemiológico da hanseníase em anápolis-go: uma década de dados (2010-2021). **Revista Políticas Públicas & Cidades**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. e912, 2024. DOI: 10.23900/2359-1552v13n2-103-2024. Disponível em: <https://journalppc.com/RPPC/article/view/912>. Acesso em: 2 ago. 2025.

Sousa, Gutembergue Santos de et al. Atributos essenciais e derivados da atenção primária à saúde em crianças e adolescentes com hanseníase. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 32, p. e20230081, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/QHPqyy57zmSg75T3YHPyWPS/?lang=pt>. Acesso em: 22 de julho de 2025.

Sousa, L. S.; Vieira, S. M. M.; Rabelo, E. C. S.; Santos, J. M. dos; Silva, A. L. A. da; Barros, G. da S.; Nascimento, I. F.; Mendonça, G. P.; Moraes, F. de; Lima, A. F. de; Guimarães, L. da F.; Soares, T. M. S.; Freire, E. S.; Gonçalves, R. C. M.; Batista, M. A. S. Hanseníase: olhar epidemiológico nas regiões brasileiras nos últimos anos. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, [S. l.], v. 6, n. 4, p. 647–656, 2024. DOI: 10.36557/2674-8169.2024v6n4p647-656. Disponível em: <https://bjih.s.emnuvens.com.br/bjih/article/view/1838>. Acesso em: 2 ago. 2025.

Vieira, Michelle Christini Araújo et al. Repercussões no cotidiano de crianças e adolescentes que viveram com hanseníase. **Saúde em Debate**, v. 46, p. 124-134, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sdeb/2022.v46nspe6/124-134/pt/>. Acesso em 22 de julho de 2025.